

LITERATURA E MEMÓRIA: O SER-TÃO NO ROMANCE *GALILÉIA* DE RONALDO CORREIA DE BRITO

Maria Cândida Santos e Moura
Francisco Gomes de Andrade
Universidade Federal de Sergipe
pardalista@hotmail.com
mariacandidamoura@yahoo.com.br

O presente trabalho tem por objetivo discutir as noções de sertão e de sujeito presentes no romance *Galiléia* de modo a tornar evidente a relação entre literatura, memória e oralidade em virtude da consciência histórica do escritor Ronaldo Correia de Brito.

A representação contemporânea do sertão presente no romance está profundamente atrelada aos inícios do século XX. Nele, tornaram-se bastante evidentes as mudanças e a globalização dos costumes, ocasionados pelo processo de modernização. Uma de suas conseqüências é o risco de desaparecimento das narrativas orais em virtude da irrupção de novos meios tecnológicos de comunicação, o que nos conduz a pensar no sertão, desde já, como um local circunscrito, mas aberto às mutações pelas quais passa o mundo atual, o que desconfigura, em certo sentido, a concepção cultural estereotipada que se tem desse espaço.

Galiléia é uma obra que narra a volta dos primos, Adonias, Ismael e Davi, ao seu local de origem, o sertão dos Inhamuns, no Ceará, em virtude da proximidade da morte do avô Raimundo Caetano, patriarca da família. Dado seu adoecimento, a fazenda, cujo nome intitula a obra, assume o papel de palco de lembranças através das quais se tentará construir uma reflexão em que estejam imbricadas memória, tradição oral e as experiências dos sujeitos sertanejos imersos nesse processo de globalização. O que se pretende também, a partir da relação entre os três elementos acima citados, é entender as contradições que complexificam e redimensionam a representação de sertão que o romance sugere. Nesse processo de redimensionamento, em virtude da influência do capitalismo neoliberal e da conseqüente globalização dos costumes, é retratada a transição de valores no mundo sertanejo, onde o choque entre tradição e modernidade, local e global denuncia a lenta dissolução de um sistema

cultural, antes concebido como genuinamente brasileiro. Por meio desse tipo de análise estabelece-se aqui mais um ponto de convergência entre esta reflexão e a História Oral: o fato de ambas buscarem um sentido social para as experiências de *minorias culturais e discriminadas* (MEIHY 2007, p. 26), em que se enquadra o grupo social retratado pela obra.

No romance, a prática rememorativa, representada pelo trânsito vertiginoso entre passado e presente, produz nos indivíduos a sensação de não pertencimento em razão das experiências traumáticas que constituem a memória do grupo social representado pelos Rego e Castro. O fato de a memória da família ser constituída de rancores, assassinatos, adultérios e vinganças acaba por criar processos de cerceamento do que, em estado oral, encontra-se retido também na memória dos indivíduos. Isso compromete a perpetuação de toda uma tradição oral e incita-nos a pensar que, para além do processo de apagamento da memória pelo capitalismo no sertão, o que nela há de traumático também compromete a existência dessa tradição. A partir disso, é sugerida pela narrativa uma luta simbólica entre memória e esquecimento, da qual se tratará mais profundamente no momento em que forem analisados os vínculos entre memória e oralidade.

A propósito do atravessamento lento e gradual do capitalismo no sertão dos Inhamuns e das mudanças que opera sobre a realidade sertaneja em transformação, tratar-se-á de aspectos que concernem à fragmentação identitária dos indivíduos que a constituem. O resultado disso é desterritorialização não somente do sujeito como do espaço, o que impossibilita a fixação da noção de sertão como conceito.

Vale ainda ressaltar que, o diálogo a que se propõe esta análise com a História Oral não a concebe como método, o que a exime de certo rigor metodológico, especificamente no que diz respeito à existência de entrevistas como *corpus*, já que: *como método, a história oral se ergue segundo alternativas que privilegiam as entrevistas como atenção essencial dos estudos* (MEIHY, 2007, p. 72). Esta leitura está mais estritamente ligada ao uso da disciplina como “forma de saber”, visto que o que se almeja através desta observação crítica é publicizar, ainda que a partir de uma realidade ficcional, vivências individuais ou coletivas, de modo a conferir-lhes significação social. A orientação a que o trabalho segue reitera o conceito de sabedoria com que dialoga esse uso específico da História Oral, no qual:

‘Sabedoria’ como forma de conhecimento diz respeito à valorização da experiência humana, de maneira a elevar o sentido moral da vivência individual ou coletiva. Como maneira superior de reconhecimento de vivências humanas, saber tem mesmo mais sentido do que o simples registro, e as histórias ganham sentido social exatamente por isso (MEIHY, 2007, p. 74).

Em princípio, têm-se no *Galiléia* uma revitalização e uma renovação da temática sertaneja que expressa claramente o momento histórico atual do Sertão dos Inhamuns em que se mesclam, segundo o próprio autor, “toda essa realidade, a mais real possível, com o totalmente imaginário”¹. Na obra, o mundo social e histórico contemporâneo se estrutura ao lado de uma realidade ficcional. Estes dois mundos se imbricam ao longo de todo o romance, onde os discursos histórico, literário e oral se contaminam de tal forma que se percebe a imagem de um sertão em processo de modificação ao lado dos elementos de permanência, herdados do passado.

O romance *Galiléia* pode ser interpretado como uma obra que constrói uma imagem verossímil do sertão em conformidade com a ambientação pós-moderna da globalização. Isso nos faz lembrar Facina (2004), quando afirma que “os escritores e suas obras são historicamente situados, produtos de sua época e de sua sociedade... suas idéias vivem no terreno material das relações humanas” (FACINA, 2004, p. 42). A partir disso, pode-se afirmar que Ronaldo Correia de Brito é um escritor consciente tanto do seu tempo quanto da inserção de sua região na complexidade do mundo atual.

A realidade paisagística e sócio-histórica do sertão no romance, sujeita às influências da pós-modernidade, configura-se como pano de fundo da história dilacerada da família dos Rego Castro. Ela é narrada pelo protagonista Adonias que, na companhia dos primos Ismael e Davi, atravessa o sertão do Ceará rumo à decadente Fazenda Galiléia, como já foi exposto. Esses três personagens caracterizam “a geração que largou o campo pra nunca mais voltar” (BRITO, 2008, p. 114), mas por força de um dever de família (o avô moribundo) são forçados a retornar. Nesse retorno ao sertão, eles reencontram o passado no tempo presente e deparam-se com um sertão modificado que os obriga a vivenciar ambigüidades bem como uma crise de identidade em que ora

¹ LINS, Letícia. *A Galiléia de Ronaldo Correia de Brito*. Disponível em: http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/post.asp?t=a_galileia_de_ronaldo_correia_de_brito&cod_Post=137090&a=96. Acesso em 20 nov. 2009, 22:30:40.

o sertão é por eles estranhado ora produz identificação, como se pode evidenciar nas falas das personagens Adonias e Ismael: “não quero me ligar nesse mundinho sertanejo” (BRITO, 2008, p. 135), mas “o sertão a gente traz nos olhos, no sangue, nos cromossomos” (BRITO, 2008, p. 19). Sendo assim, esses personagens estão inseridos na concepção de “sujeitos pós-modernos”, deslocados entre o aqui e o acolá. Segundo Stuart Hall, o sujeito

está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas [...] o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se provisório, variável e problemático (HALL, 1999, p. 14).

Nota-se então que, a postura pós-modernista de Adonias, por exemplo, corrobora e define a história concreta do processo de globalização da “modernidade tardia” no século XXI. Esse processo parece causar não só o dilaceramento da identidade do sujeito, mas de todo um espaço sócio-cultural, ainda que aconteça de modo lento no sertão.

Os elementos culturais foram antes sacralizados na forma do pitoresco, do exótico e do estereótipo do sertão o qual era compreendido como

um certo espaço geográfico, paisagístico e socialmente delineado — ao sertão, no Centro-Norte e Nordeste, e aos pampas no Sul; a alguns usos e costumes rústicos, sobretudo rurais; à religiosidade e ao trabalho, também rurais; e a uma linguagem idioletizada tanto no nível regional quanto local (VICENTINI, 1998, p.50-51).

Estes elementos sofrem mudanças significativas, através da quais ele se ressignifica e correm até risco de desaparecimento. Dessa forma, a banda de forró, em detrimento do *trio pé-de-serra* que tradicionalmente utilizava sanfona, zabumba e triângulo, incorporou a guitarra, o teclado, o baixo, a sanfona e a bateria. O seu vocalista, que mais lembra um híbrido roqueiro-forrozeiro, “usa três argolas na orelha esquerda, um piercing no nariz e roupa preta brilhosa. Passa a mão nos cabelos pintados de louro, endurecido pelo excesso de gel fixador” (BRITO, 2008, p. 34). Essa sorte de mudança ainda pode ser percebida na troca de atividade do Tio Salomão que “nunca deixou de investir em caprinos, e agora planta mamona, de olho nos biocombustíveis” (BRITO, 2008, p. 114), no desaparecimento da lavoura de algodão que cede lugar ao cultivo da maconha, na substituição dos vaqueiros montados a cavalos com gibões de couro por

mulheres montadas em motocicletas pastoreando a criação. Esta cena indica a mudança do papel exercido pela mulher no contexto a que se refere. No lugar do antigo lampião ou candeeiro tem-se a energia elétrica e não mais se vê cangaceiros, tampouco jagunços, ‘torando’ as estradas e a caatinga.

Esse novo sertão nos faz lembrar que o espaço sertanejo pode ser “os gerais”, tomando de empréstimo as palavras de Guimarães Rosa. Desse modo, o sertão está no mundo e o mundo está no sertão e isso implica, de certa forma, numa nova concepção de temporalidade no espaço sertanejo.

Tão contundentes são os reflexos dessa modernização, ainda que lenta, que já não há como ignorar as questões ligadas às narrativas como meio de transmissão de uma tradição oral. Não há ainda como ignorar o espaço sócio-cultural na medida em que assume novos arranjos, em razão do avanço dos meios de comunicação (a televisão, a internet, etc.) nele inseridos.

A tradição de contadores de histórias na família Rego Castro está mais detidamente encarnada nas figuras do Tio Salomão - misto de narrador genealógico e culturalista conservador, mais contaminado pela cultura escrita - e de seu irmão Natan, mais arraigado na cultura oral. Ambos parecem ser guardiões da memória familiar vinculada às suas origens, às sagas e às lendas sob o signo da reinvenção fantasiosa.

Salomão busca reconstituir suas origens familiares, marcadamente influenciadas pela herança cultural dos judeus, o que se percebe ao afirmar que: “a errância e o nomadismo, o gosto pelo comércio e as viagens alimentam o nosso imaginário, o sentimento de que pertencemos a todos os recantos e a nenhum” (BRITO, 2008, p. 23). Diante desse caráter errante, os enaltecidos da família construíram as lendas dos Rego Castro. Estas remontam à fuga, em virtude de perseguições, de seus ancestrais serfadas da Ibéria para a Holanda e daí para Pernambuco, onde se embrenharam pelas matas e acabaram por se instalar no sertão dos Inhamuns, dando origem a vários troncos familiares. Deles derivam parte do conteúdo da narrativa oral a que se faz alusão, durante inúmeros momentos do romance, sobretudo diante do processo de modernização como *leit motiv* que compromete a sua perpetuação. Por se tratar de um ‘livro masculino’, em todos os desdobramentos que essa denominação possa sugerir, o dom da narração no seio familiar, como constata Tio Salomão, está relacionado aos homens, mais especificamente a “duas categorias de homens”:

os viajantes e os sedentários. Os primeiros percorrem terras distantes e relatam histórias de outras gentes, quando voltam ao lugar de origem. Os segundos, artesãos, pastores e agricultores, ouvem as histórias dos viajantes e, enquanto trabalham, pensam nelas. De noite, sonham com as terras que nunca conhecerão, porque não se encorajam a transpor os limites do mundo onde vivem. Com o passar do tempo, adaptam os nomes desconhecidos ao vocabulário local, os princípios alheios aos seus, e de palavra em palavra recriam as narrativas. Surgem fábulas, novelas e romances conforme os sonhos e as necessidades de quem narra (BRITO, 2008, 24).

Trata-se aqui de alusão direta a Walter Benjamin. As colocações de Tio Salomão ligam-se, não gratuitamente, às modalidades de narrador que aquele estabelece e cuja interpenetração garante “a extensão real do reino narrativo”, em que:

a figura do narrador só se torna plenamente tangível quando temos presentes esses dois grupos. ‘Quem viaja, tem muito que contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do país e que conhece suas histórias e tradições (BENJAMIN, 1994, p. 198).

Ora, esses dois tipos arcaicos de narradores ou contadores de histórias nada mais são do que o viajante e o trabalhador sedentário. As histórias contadas em Galiléia definem-se exatamente pela interpenetração dos modos de narrar tanto do ‘marinheiro comerciante’ quanto do ‘camponês sedentário’. Na obra, o discurso narrativo se constrói da alternância entre o saber das terras distantes e o saber da tradição trazidos respectivamente por esses dois tipos de narrador. As experiências dos três netos de Raimundo Caetano, sobretudo de Adonias, narrador de *Galiléia*, foram enriquecidas pelas viagens feitas. É a força das novas experiências que este vivencia, muito mais que aos outros, que lhe possibilita, ao retornar ao sertão, pensá-lo de modo distinto, confrontar-se com ele, dada a sua condição de sujeito pós-moderno. São as experiências vividas ali e para além dos Inhamuns que constituem o conteúdo do que narra.

Logicamente, o que se percebe no discurso do Tio Salomão é que a recriação da narrativa genealógica se dá em razão do diálogo desses dois grupos de narradores no seio da família Rego Castro. Melhor dizendo, as histórias foram inventadas e reinventadas ao longo do tempo, pois há, na concepção de sertão recriada por Ronaldo Correia de Brito, a forte presença de três elementos sem os quais muito da fabulação estaria comprometida. Estes elementos são o abandono, o isolamento e o sentimento de falta que apontam para a mediocridade que se estabelece em virtude da necessidade de enobrecimento da narrativa familiar.

A falta é um dos elementos que justifica a centralidade da memória na narrativa. Além de estabelecer a farsa e, portanto, o que se narrar, ela acaba por ditar a prática rememorativa, dada a sua substancialidade para a memória. Rememorar, em *Galiléia*, é presentificar um passado que já não existe concretamente, é representar simbolicamente o que já não há, o que nos falta. Logo:

Lidar com a sensação de falta parece ser o destino das *Memórias*; elas historicam ausências; afinal, são uma crônica de *saudades*. A cada passo devem enfrentar o poder da morte: o fosso aberto pelo tempo e pelo esquecimento, contraparte da própria memória (ARRIGUCCI, 1987, p.87).

A relação entre memória, oralidade e sertão não se estabelece gratuitamente na obra e será pensada com o objetivo de trazer à luz os elementos que os mantêm enredados. Paralelamente ao sertão de costumes globalizados e permanências transfiguradas, descrito anteriormente, ela traz outra concepção de sertão em que os valores que o caracterizam apresentam-se sob uma forma mais constante e mais próxima da tradição sertaneja. É através do confronto desta referência de sertão com aquela que a memória reitera na obra seu lugar de importância. Isso pode ocorrer, pois, na memória dos personagens, há um sertão cristalizado em que os valores que o constituem colidem com os da realidade com que se defrontam, na volta à fazenda da infância. Assim, pode-se dizer que eles são levados a rememorar, na medida em que, estranhos à configuração de sertão com que se deparam no presente, são impelidos a uma referência de sertão localizada muito mais no passado. As conseqüências do trânsito que se estabelece entre passado e presente é um choque cultural do qual decorrem a fragmentação identitária, como já foi exposto, e o sentimento de estrangeirismo nítidos na fala de Adonias, quando se refere ao Tio Salomão:

Não perdôo sua segurança, o orgulho que sente da heráldica sertaneja, dos brasões, ferros de marcar boi, histórias familiares, coisas de pouco valor pra mim. Vago numa terra de ninguém, um espaço mal definido entre campo e cidade. Possuo referências do sertão, mas não sobreviveria muito tempo por aqui. Criei-me na cidade, mas também não aprendi nem a ginga nem o sotaque urbanos. Aqui ou lá me sinto estrangeiro (BRITO, 2008, p.160).

No que concerne ainda à relação travada entre memória e oralidade, é importante pensar que, para além de todos os caminhos para que aponte, a memória é o arcabouço de toda a história oral. Antes da escrita, ela era a fonte em que estava contido todo o conteúdo oral a ser transmitido e perpetuado pela figura do narrador. Sua importância bem como a da tradição oral passam a ser comprometidas pelo avanço do capitalismo e

pela conseqüente invasão dos meios de comunicação de massa de que resulta o advento da informação. Para Benjamin (1994), o saber imediatista e pronto, ligado aos acontecimentos próximos, que esta produz, coteja o saber oral contido na tradição. Essa incompatibilidade encontra-se claramente expressa na seguinte fala do autor:

“o saber, que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição – dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência. Mas a informação aspira a uma verificação imediata... Muitas vezes não é mais exata que os relatos antigos. Porém, enquanto esses relatos recorriam freqüentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com espírito da narrativa. Se a arte de narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio” (BENJAMIN, 1994, p. 202-203).

Essa nova forma de comunicação, surgida com a consolidação da burguesia capitalista, lida com um saber perecível que não se constrói pela experiência. Ao cederem inconscientemente ou não ao consumo imediato dos produtos do capitalismo neoliberal e aos modos de vida pós-modernos, os indivíduos rompem laços com a experiência sem a qual não pode haver a narrativa, já que ela é a fonte a que recorrem todos os narradores. O processo de declínio da arte narrativa corrobora o que está posto no romance *Galiléia* a respeito do aparato tecnológico que vem invadindo o sertão, onde seus ouvintes fetichizados abandonam certas práticas e costumes de seu passado cultural, inclusive daquilo que foi plantado em sua memória.

Essa fetichização dos produtos do capitalismo é metaforizada em alguns trechos do romance, a exemplo do momento em que o tio Natan entretém a família ao narrar histórias, ao mesmo tempo em que “a claque da televisão ri, vozes se agitam, gritam, choram. As vibrações sonoras disputam o espaço.” (BRITO, 2008, p. 205). Angustiado diante do coro dissonante estabelecido pela superposição de falas, Adonias observa:

Natan fala com pausas ensaiadas.
Os ruídos de um comercial preenchem o silêncio de cada pausa.
Quem fala mais alto?
Natan cala.
Avó Raquel aumenta o som da televisão.
Natan se levanta.
Salomão e Josafá se levantam em seguida.
Tento abstrair a televisão. Escuto os teclados dos computadores... (BRITO, 2008, p. 205).

Natan é uma espécie de guardião da memória familiar, pois ainda mantém o “sangue viajante dos antepassados” (BRITO, 2008, p. 94). Ele se configura como o

narrador talentoso que parece preservar a saga familiar, como se percebe quando narra a história trágica de vinganças e assassinatos de seu consangüíneo Lourenço de Castro. Ao fazê-lo, capta a todo o custo a atenção de seus ouvintes e reitera, como observa Adonias, talvez, o maior atributo dos Rego Castro, o dom de narrar:

Todos os homens da família possuem as qualidades dos narradores. Cada um inventa seu jeito próprio de narrar, os movimentos de corpo, inflexões de voz, pausas e ritmo. Mas todos revelam um traço em comum: o magnetismo que fascina e arrebatava (BRITO, 2008, p. 204).

Já para Adonias, representante da nova geração de narradores da família, a rememoração consiste numa ação dolorosa, uma vez que ao realizá-la é forçado a lidar com acontecimentos traumáticos que constituem a memória familiar. Esses fatos são atenuados pela presença da fabulação na trama, o que, no entanto, não o impede de enxergá-los. Sua reinvenção visa ao enobrecimento da história dos Rego Castro, como observa o próprio Adonias:

inconformados com a crônica medíocre da nossa trajetória para o Brasil, sem heróis nem bravatas no além-mar, nós romancemos as vidas comuns da família, inventamos personagens e remendamos neles pedaços de narrativas, dramas e farsas da tradição oral e dos livros clássicos. Os parentes letrados e genealogistas muito contribuíram com as suas leituras. Sempre fomos uma família de mentirosos e fabuladores (BRITO, 2008, p. 26).

Ao questionar o modo como lidam com a realidade os narradores da família, Adonias nos mostra quão distinto é o papel da tradição oral para si, em relação à importância que assume, sobretudo para o Tio Natan. Para este narrar seria um modo de vencer a morte simbólica que o esquecimento representa, dado o isolamento em que se vive nos sertões. Isso nos leva a perceber que, na obra, sobreviver consistiria, então, em fazer-se lembrar pela fabulação heróica.

Assim, diante do exposto, a fazenda *Galiléia*, como lugar que possibilita a evocação de lembranças, conduzirá alguns personagens à rememoração dramática e conflituosa. Nela, a memória não é comprometida apenas pelo cruzamento de uma série de dados sociais que entram em nossa lembrança, na medida em que nos afastamos do grupo social a que pertencemos, mas também pelo conteúdo traumático de suas experiências. A história fantasmagórica dos Rego Castro é formada por uma cadeia de acontecimentos dolorosos constituída de crimes, como o assassinato da tia Donana pelo esposo Domísio, por conta de seu casamento imposto ou a morte de Ismael por Adonias

que lhe desfere uma pedrada durante uma discussão. Dentre esses fatos, estão ainda a relação de adultério entre Raimundo Caetano e Tereza, a criada com quem este tem dois filhos bastardos e o estupro de Davi, neto mais novo, aliás, o mais significativo dos acontecimentos citados, uma vez que seu responsável encontra-se no seio familiar, o que faz de cada um dos entes da família um possível algoz. Os traumas que constituem as experiências descritas cerceam a memória e comprometem, pela sua natureza, a vida das narrativas orais que rememoram o ‘indigno passado’ familiar.

Para além da ação negativa da informação e da modernização sobre a cultura oral, a prática rememorativa no romance estará sob influência da intensidade com que se envolvem socialmente os futuros narradores da família (Adonias, Ismael e Davi) dentro deste grupo social, já que é aqui entendida como um fenômeno social e coletivo.

Para Halbwachs (2006), há lembranças suscitadas por figuras, coisas ou lugares cuja materialização nos leva a crer que não haveria esforço da memória capaz de constituí-las. Este modo de compreendê-las conduz-nos a pensar que, algumas de nossas lembranças só poderão aflorar pelo contato com um dos elementos citados que, por sua vez, nos incitam a uma seqüência de percepções e impressões. Esta forma de rememorar auxilia na compreensão não somente do sertão dos Inhamuns, mas, sobretudo, da fazenda Galiléia como um ‘lugar de memória’, no qual as lembranças decorreriam *de uma aproximação de percepções determinada pela ordem em que se apresentam determinados objetos sensíveis, ordem essa resultante de sua posição no espaço.* (HALBWACHS, 2006, p.53)

Bastaria estar ciente deste processo de evocação da lembrança pelo lugar para compreender a razão pela qual as lembranças familiares de Adonias desaparecem, na medida em que se afasta da fazenda, se não fosse o fato de a intensidade com que se rememora ser determinada, como afirma Halbwachs (2006), pela força com que os indivíduos se envolvem socialmente. Dessa forma, há lembranças a que não se pode acessar por não se estar em contato com o lugar e as circunstâncias que as evocam. Isso se dá porque nos falta a capacidade *de pensar nelas com intensidade suficiente para nos recordarmos de todos os detalhes* (HALBWACHS, 2006, p.54).

Em *Galiléia*, a fazenda representa, para os netos de Raimundo Caetano, uma espécie de palco de rememorações, justamente porque o retorno a este lugar proporciona-lhes o reestabelecimento de contato com um grupo social, representado pela família e mais amplamente pela sociedade sertaneja, do qual estiveram afastados e

no qual se conservam certas lembranças. Este fato se deve à intrínseca relação que se opera entre memória e grupo social e cuja compreensão pode se tornar mais acessível, se considerarmos o fato de que todo indivíduo vive em sociedade e que

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazemos recordar venha ser construída sobre uma base comum. Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta construção funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. (HALBWACHS, 2006, p.39)

Assim, a natureza coletiva da memória se explica pelo fato de todo indivíduo perceber o mundo, pensá-lo e senti-lo através de meios e circunstâncias socialmente definidos. Isso nos leva a compreensão de como, para Adonias, o mundo ao seu redor, na medida em que se afasta tanto da fazenda quanto de Recife, perde seu significado.

Essa perda de sentido está descrita nas últimas páginas do romance. A memória social do Adonias, um sujeito tipicamente pós-moderno, sofre um embotamento representado na obra pelo estado de embriaguez em que se encontra. Perdido em meio a uma procissão, após deixar a fazenda Galiléia, o narrador-protagonista relata, por meio do fluxo de consciência, que:

a embriaguez cessa de repente. Sem a chance de partir, tudo parece sombrio e feio; o coração se tranca, a boca amarga. Os dançarinos passam cantando e arrancam o santo dos meus braços. Tento alcançá-los, mas eles desaparecem. Sinto-me sozinho. Procuro alcançar o outro lado da praça e encontro a mesma paliçada de motos. Recuo porque não consigo transpô-la. Já não sei que direção tomar. Até bem pouco tempo, o mundo em volta de mim era compreensível e amável. Agora, seu significado me foge por completo. (BRITO, 2008, p. 236).

A questão que norteia o fragmento acima remonta a toda uma problematização proposta pela obra, em que a memória inventada, espacial, coletiva e toda uma tradição oral, apesar de forjada, sofrem influência da globalização dos costumes. A consequência da maneira como se enredam tais elementos é a desterritorialização dos indivíduos, além da transformação do espaço em que se insere tudo o que caracteriza a vida pós-moderna.

Como se nota, a obra retrata simbolicamente o processo de arraigamento dos meios de comunicação de massa no interior do Brasil, bem como o modo como ele

modifica paulatinamente todo um panorama cultural e os modos de vida sertanejos, além de provocar a perda de memória. Desse processo resulta o desaparecimento de todo um passado de lendas e sagas, fadadas ao esquecimento, que podem significar a morte de toda uma história oral, antes preservada no patrimônio da memória.

Portanto, essa a consciência histórica do escritor Ronaldo Correia de Brito trás a tona a experiência do momento contemporâneo, em processo de mudança pelo qual passa o sertão, dilacerado entre o arcaico e o moderno, entre a memória e o esquecimento, entre as benesses da globalização e o agravamento das condições sociais e individuais. Nesse sentido, a história, escrita e oral, e a literatura, como invenção imaginativa, se interpenetram para trazer em toda sua complexidade a vida social da região sertaneja na atualidade. Ambas são indispensáveis para a compreensão profunda do humano, de um determinado momento e lugar da cultura sertaneja em uma lenta e constante mutação por força da sua inserção no sistema globalizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGUCCI, JR., Davi. Móbile da Memória. In: *Enigma e comentário: Ensaios sobre Literatura e Experiência*. São Paulo. Companhia das Letras, 1987.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1)

BRITO, Ronaldo Correia de. *Galiléia*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008.

FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004 (Coleção Passo a passo).

HALBWACHS, A *memória Coletiva*. São Paulo: Cetauro, 2006.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

LINS, Letícia. *A Galiléia de Ronaldo Correia de Brito*. Disponível em: http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/post.asp?t=a_galileia_de_ronaldo_correia_de_brito&cod_Post=137090&a=96. Acesso em 20 nov. 2009, 22:30:40.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História Oral - como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

VINCENTINI, Albertina. O sertão e a literatura. In: *Sociedade e cultura*. 1 (1), 41-54, jan./jun. 1998.